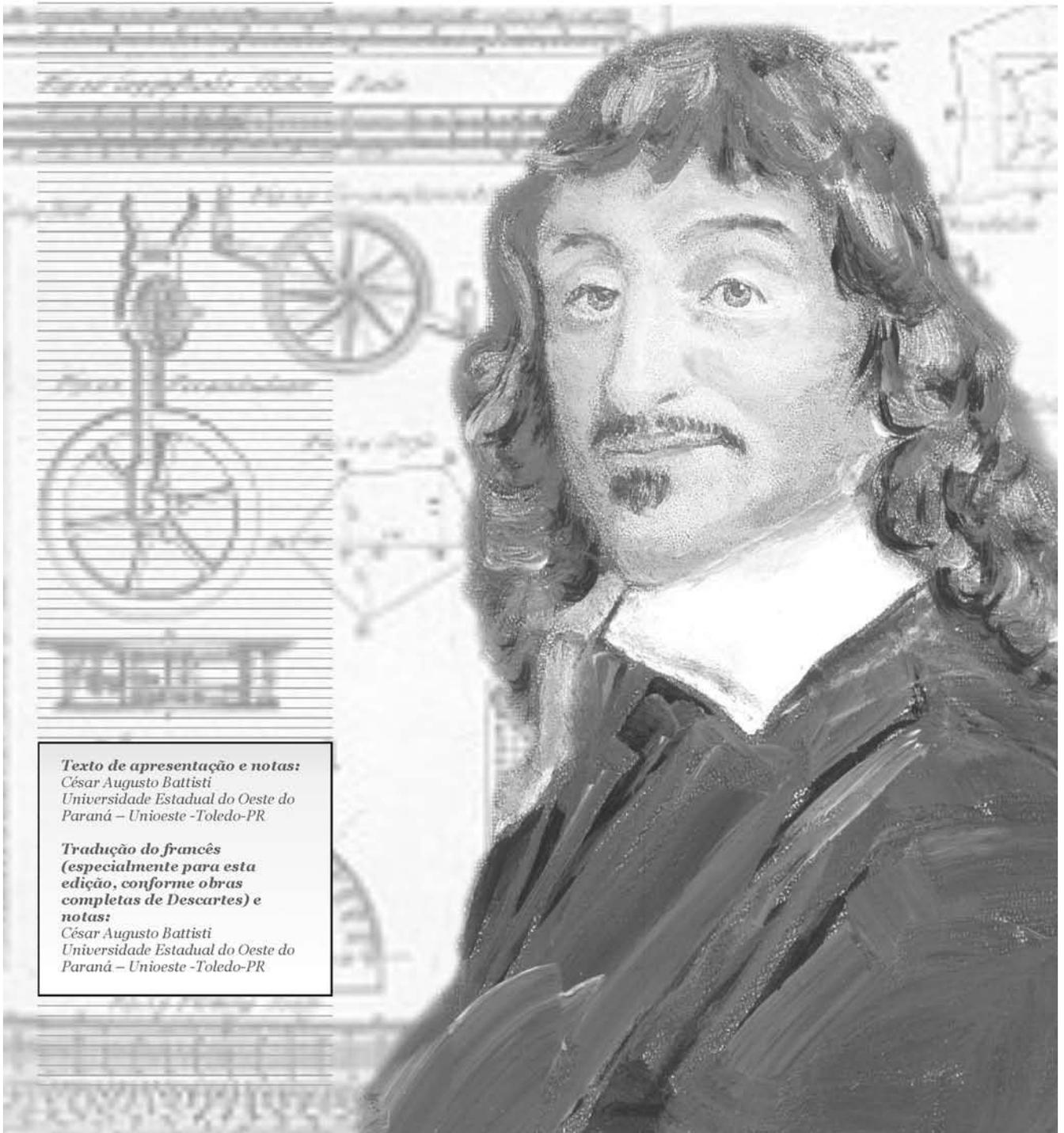


DESCARTES

(1596-1650)



Texto de apresentação e notas:
César Augusto Battisti
Universidade Estadual do Oeste do
Paraná – Unioeste -Toledo-PR

**Tradução do francês
(especialmente para esta
edição, conforme obras
completas de Descartes) e
notas:**

César Augusto Battisti
Universidade Estadual do Oeste do
Paraná – Unioeste -Toledo-PR



MEDITANDO COM DESCARTES: DA DÚVIDA AO FUNDAMENTO

VIDA E OBRA

RENÉ DESCARTES,¹ muitas vezes chamado de “pai da filosofia moderna”, é considerado, ainda hoje, o maior filósofo francês de todos os tempos e um dos mais importantes do pensamento e da cultura ocidental.

Descartes nasceu no dia 31 de março de 1596 em La Haye (hoje, Descartes), Touraine, França. Em 1606 ou 1607, foi enviado ao Colégio Royal de La Flèche, onde permaneceu até 1615. Nesse colégio jesuíta, recebeu toda sua educação escolar, marcada pela combinação da escolástica tradicional e do saber emergente. Encontramos, no *Discurso do método* (Parte I), uma avaliação crítica à educação dos Jesuítas, embora Descartes tenha tido, em outras ocasiões, como diz Garber², uma apreciação positiva de seus professores e do ensinamento rigoroso recebido.

¹ Encontramos variações no nome do filósofo: René Des-Cartes (em francês), Renatus Des-Cartes ou, muito raramente, Renatus Cartesius (em latim). Fica clara a derivação do termo “cartesiano” e de cognatos de seu sobrenome.

² GARBER, D. *Descartes' metaphysical physics*. Chicago: University Chicago, 1992. p. 9.

Em 1618, viaja para a Holanda e se alista como voluntário no exército do príncipe Maurício de Nassau. Em novembro desse ano, conhece Isaac Beeckman, e esse encontro marca profundamente sua carreira. Os dois jovens se encontram por quase dois meses para discutir questões científicas: sobre física, matemática, medicina e música. No final de 1619 e no início de 1620, estando na Alemanha, ocorrem-lhe duas das ideias-chave de seu pensamento: a da interconexão e união de todas as ciências, e da necessidade de um método único para garantir essa unidade. Conta-se que, na noite do dia 10 ou 11 de novembro de 1619, teria tido três sonhos, cuja significação principal seria exatamente a de que a ele caberia a tarefa de executar tal projeto de unificação do saber. Nos anos seguintes, essa ideia inicial se transformará em um programa de pesquisa.

Nos anos seguintes, viaja pela Europa e abandona de vez sua pretensão a uma carreira militar. Em 1625, se encontra em Paris, onde permanecerá até os primeiros meses de 1629. Nesse período, sua pesquisa avança rapidamente. Liga-se ao Pe. Mersenne e ao grupo de pensadores que o circundam, estudiosos do mecanicismo e do anti-aristotelismo. São dessa época as *Regras para a direção do espírito*, embora as primeiras regras possam ter sido redigidas no período que se seguiu ao dos sonhos: a primeira regra trata exatamente da unidade da ciência e a quarta discute a necessidade e a unidade do método. As *Regras* são abandonadas em 1628 e publicadas apenas postumamente. Elas apresentam a reflexão mais detalhada e completa de seu método e de questões relacionadas à produção do conhecimento.

A partir de 1628 ou 1629, Descartes começa a investigar questões metafísicas e os fundamentos da física. Em busca de tranquilidade, deixa Paris e vai para a Holanda. No final de 1629 e início de 1630, elabora as suas primeiras meditações, mas cujo manuscrito não sobreviveu: elas atestam a ligação da metafísica com a física. Nesse mesmo período, pesquisa problemas de física (ótica e fenômenos luminosos, teoria do movimento, explicação mecânica dos corpos, explicação de fenômenos atmosféricos), bem como começa a estudar anatomia e medicina. Dessas pesquisas nasce o projeto do *Mundo*, no qual trabalha até meados de 1633. No mês de novembro, fica sabendo da condenação de Galileu e renuncia

à publicação desse tratado.

Desse projeto original, surgiram várias obras. *O Mundo ou Tratado da luz* e o *Homem* correspondem a suas partes centrais, ambos publicados postumamente. O primeiro apresenta seu sistema de física, conservado, em boa parte, nos *Princípios*; o segundo expõe sua teoria do corpo humano enquanto máquina e explica a digestão, a circulação, as operações dos sentidos etc., sempre de um ponto de vista mecânico. Os ensaios físicos, que serão publicados junto com o *Discurso*, também são dessa época.

Em 1637, Descartes publica sua primeira obra: o *Discurso do método* e os três ensaios ilustrativos do método: a *Dióptrica*, os *Meteoros* e a *Geometria*. Tais ensaios reúnem investigações feitas nos últimos oito anos, embora reestruturados. A *Geometria* contém, dentre outras coisas, os fundamentos do que virá a ser a Geometria Analítica, o uso das coordenadas (não exatamente como o nosso), equações da linha reta e de diferentes curvas etc. A *Dióptrica* trata da reflexão e da refração, do olho e sua estrutura, dos sentidos em geral e, em especial, da visão, e da confecção de lentes para melhorá-la. Os *Meteoros* propõem uma explicação mecânica de fenômenos sublunares ou meteorológicos: nuvens, tempestades, raios, arco-íris, neve etc. O *Discurso do método*, por sua vez, se torna rapidamente famoso, embora seja apenas um prefácio aos outros três textos. Em suas seis partes, apresenta, dentre outras coisas, uma reflexão sobre a razão e sobre a educação que recebera (1), um esboço de seu método, por meio das suas famosas quatro regras (2), uma moral provisória (3), um esboço de sua metafísica (4) e um resumo do *Mundo* e do *Homem* (5 e 6).

No final da década, Descartes começa a trabalhar nas *Meditações*, que foram publicadas em 1641, com seis *Objeções e respostas*, a sétima sendo incluída na edição de 1642. Em 1644, publica os *Princípios da filosofia*, obra cujas quatro partes apresentam sua metafísica, os princípios gerais da física e explicações de fenômenos astronômicos e físicos. É a expressão final de seu programa de filosofia natural.

Em 1643, se corresponde com a Princesa Elisabeth da Boêmia, com a qual discute questões como a da união entre alma e corpo, sua interação, fenômenos psicofísicos e temas morais. Dessa discussão nascem

as *Paixões da alma*, publicadas em 1649. Antes disso, são publicados as *Meditações* e os *Princípios*, ambos em francês, em 1647. No início de 1649, Descartes viaja para a Suécia a pedido da Rainha Christina. O clima e o rigor da vida na corte contribuem para que adoeça no começo de fevereiro do ano seguinte. Morre de pneumonia, em Estocolmo, no dia 11 de fevereiro de 1650.

AS MEDITAÇÕES

As *Meditações* são a principal obra filosófica de Descartes e uma das mais importantes da Filosofia. Redigidas do final da década de 1630 até o início de 1640, foram publicadas, em latim, em 1641 e em 1642, e, em francês, em 1647. Ao lado de obras como o *Discurso do método* (1637), os *Princípios da filosofia* (1644) e as *Objecções e respostas* (1641) e as *Paixões da alma* (1649), formam o conjunto dos textos centrais da filosofia cartesiana.

As *Meditações* têm um estilo literário marcante. O título já denuncia o modo pelo qual Descartes propõe sua atividade filosófica: filosofia é reflexão e introspecção à semelhança do religioso que, para meditar, se isola do mundo e volta-se para si mesmo. Por isso, engana-se quem pretende lê-las apressadamente ou uma única vez: tal como a religiosa, a atividade filosófica tem seu tempo e precisa ser revisitada. Mas as *Meditações* não são apenas Meditação. Elas incorporam o rigor, a capacidade demonstrativa e resolutiva presentes na matemática. Descartes se inspira nessa ciência não para imitá-la (pelo cálculo), mas porque ela denuncia o nosso próprio modo de conhecer: pela natureza de seus objetos (puros e simples) e relações (encadeamento rigoroso), bem como pela sua capacidade de propor e de resolver problemas, a matemática é expressão do modo de agir da racionalidade humana.

Mas, afinal, do que tratam as *Meditações*? Se olharmos para o seu título, veremos que elas apresentam a ontologia cartesiana, uma teoria sobre os diferentes seres existentes: o ser infinito e sumamente perfeito (Deus); os seres pensantes finitos (nós enquanto seres espirituais); as entidades materiais. A questão central de Descartes, entretanto, é que não se

poderá tratar dessas coisas diretamente. Com efeito, não sabemos se elas existem e constituem o real. Outros filósofos pensaram de modo diverso; nossa percepção e nossas crenças dizem outra coisa. Em razão disso, a ontologia cartesiana não pôde ser elaborada diretamente nem abstraída do próprio mundo. Ela nasceu em meio à pergunta sobre o que podemos conhecer com absoluta certeza, no caso de podermos conhecer.

Por esse motivo, dizemos que as *Meditações* são um tratado epistemológico ou de teoria do conhecimento, tratado no interior do qual aparece, como parte da reflexão, a metafísica ou ontologia cartesiana. Descartes se pergunta pela base firme e indestrutível das ciências, pelos fundamentos do conhecimento. E, ao se perguntar de forma tão radical, ele não pode simplesmente apontá-los nem procurá-los diretamente. Por isso, procede por via negativa: toda via positiva pode chegar a determinados resultados, mas dificilmente poderá garantir que tais resultados sejam os únicos possíveis e que sejam definitivos. A via negativa tem essa vantagem, embora corra o risco de trazer uma resposta cética e absolutamente destrutiva.

O procedimento da dúvida terá essa função no sistema filosófico de Descartes. Resultante de uma decisão, ela é pensada como estratégia (método), cujos riscos ele aceita correr; e, como tal, ela precisa ser cada vez mais radical, universal e exagerada, diferentemente da dúvida que naturalmente nos ocorre.

E os resultados começam a aparecer no segundo dia. Na Primeira Meditação, por meio dos três graus da dúvida, temos provisoriamente um resultado cético. Na Segunda, nos damos conta de que, por mais que duvidemos de tudo, é *certo* que duvidamos. E, como duvidar é um modo de pensar, é absolutamente certo que pensamos. Finalmente, como pensar é um ato, é preciso que haja um sujeito desse ato: o sujeito que pensa existe. Mais uma coisa: quando o sujeito pensa (dúvida), ele necessariamente *sabe* que pensa; e, ao saber que pensa, se dá conta de que é *ele* que pensa, e não outro ser. Disso nasce a noção de “eu” e a de consciência: quando penso, tenho consciência imediata de que sou *eu* que penso. E, assim, pelo ato de pensar, o sujeito se denuncia a si mesmo (daí nasce o

tema moderno da subjetividade).

Mas o que posso saber, além disso, sobre mim mesmo? Ora, apenas que penso: sou uma coisa que pensa e que pensa de vários modos. Mesmo o sentir, embora o que eu sinto possa ser uma ilusão, por se denunciar à consciência (por ser uma forma de pensar), é indubitável: não o que sinto, mas o sentir em si. E, assim, não há nada mais imediato que o conhecimento de mim mesmo e de meus atos.

A Terceira Meditação resolve o problema que emerge da oscilação entre a possibilidade da existência de um Deus enganador e a certeza de minha existência (uma exceção ao engano universal). É, portanto, preciso investigar se Deus existe e se ele é enganador. Descartes fornece, aqui, duas provas, chamadas provas pelos efeitos ou *a posteriori*, porque partem de um efeito de Deus registrado em nós: a sua ideia. A primeira prova afirma que, como a causa não pode ser inferior ao efeito, deve haver um ser que seja tão grande quanto o conteúdo da nossa ideia de Deus. Ora, como essa ideia representa o infinito, ela só pode ter sido causada pelo ser infinito, isto é, Deus. Logo, ele existe. A segunda prova (não conservada no texto traduzido) faz uma reflexão semelhante, só que desta vez em relação a cada um de nós, na medida em que temos a ideia de Deus. A resposta cartesiana consistirá em dizer que ninguém poderia ter nos criado e, ao mesmo tempo, posto a ideia de Deus em nós (cujo conteúdo é infinito) senão o próprio Deus infinito: a ideia que temos de Deus exige que tenhamos sido criados pelo próprio Deus. Novamente, a causa deve ser pelo menos tão grande quanto o efeito. Portanto, Deus existe. E, como ele é bom, veraz e perfeito, não pode ser enganador.

A Quarta Meditação resolve o problema entre o fato de que erramos e a necessidade de inocentar a Deus do erro, uma vez que não é possível conciliar sua perfeição e bondade infinitas com o engano. Embora ele nos tenha criado como seres limitados, ele nos criou perfeitos, tal como uma calculadora que, por mais simples que seja, efetua corretamente todas as funções que seu fabricante lhe atribuiu. Por outro lado, nós erramos com frequência quando buscamos a verdade. O erro está no modo como operamos com nossas faculdades, a exemplo de uma calcu-

ladora mal-utilizada. Mais precisamente, o erro acontece quando nossa vontade extrapola os limites de nosso entendimento e afirma algo que não é claro e distinto. Com efeito, com a prova da existência de um Deus não enganador, passa a valer a regra de que tudo o que é claro e distinto é verdadeiro. Nesse sentido, a vontade deve se restringir a afirmar o que é claro e distinto. E, assim, explicado o erro e compreendida a forma de evitá-lo, Deus é inocentado e as condições da busca pela verdade ficam estabelecidas.

A Quinta Meditação começa a reconstrução do edifício do conhecimento. As verdades matemáticas são imediatamente readmitidas, elas que só foram colocadas em dúvida pela hipótese de um Deus enganador. Descartes mostra também que elas correspondem às essências das coisas materiais: os corpos, se existirem, terão apenas propriedades geométricas. Em seguida, Descartes apresenta sua terceira prova da existência de Deus, a chamada prova ontológica ou *a priori*. Ela consiste na afirmação de que a existência é uma propriedade necessária a Deus, do mesmo modo que uma determinada propriedade geométrica é necessária ao respectivo objeto geométrico. Contrariamente às outras coisas, cuja existência é apenas possível, Deus precisa existir necessariamente, uma vez que a existência é uma perfeição. Logo, Deus existe.

A Sexta Meditação, embora apresente um conjunto bastante complexo de reflexões e conclusões, tem como núcleo a exposição das teses da distinção real entre alma e corpo, da existência dos corpos e da união entre nosso corpo e nossa alma. Uma vez admitida a *possibilidade* da existência das coisas materiais na Meditação anterior (por meio das ideias claras e distintas do entendimento), Descartes afirma que nossa imaginação nos dará sua *probabilidade* e nossas ideias sensíveis, sua certeza.

A distinção real entre alma e corpo é efetuada a partir do princípio de que toda coisa concebida clara e distintamente como diferente e independente de outra é absolutamente distinta dessa outra. Ora, não há nada de comum entre alma e corpo, a alma sendo uma substância pensante e imaterial, o corpo sendo pura extensão material e não pensante (se vier a existir). Tais entidades são, portanto, absolutamente distintas e

incomensuráveis, de modo que tampouco comungam algum atributo ou propriedade.

A prova da existência dos corpos se dá a partir do exame das sensações ou ideias sensíveis. Como as ideias sensíveis se impõem a nós contra nossa vontade, essa passividade que sentimos denuncia uma atividade externa. E, embora tais ideias sejam obscuras e confusas, a causalidade externa é percebida clara e distintamente. Ora, possuímos uma inclinação natural a crer que são os corpos que as causam. E, como não possuímos nenhuma capacidade, dada por Deus, que fosse corretiva dessa inclinação, sua incorrigibilidade é sinal de verdade. Portanto, os corpos existem.

A prova da união se dá pela análise de outro componente das sensações: a sua natureza própria. A sensação de dor, por exemplo, não denuncia à mente o ferimento ou o mal estar do corpo: a mente sente dor junto com o corpo. Isoladamente o corpo não sentiria dor alguma, mas apenas um “desajuste” físico; faltar-lhe-ia a consciência e o sentir propriamente dito. A alma não poderia ser provocada a ter sensações senão por meio do corpo a ela conjugado. Por isso, as sensações (e as paixões) denunciam a união (e não justaposição) entre alma e corpo, de modo que dela surge uma nova natureza, a natureza humana, inexistente na alma e no corpo isolados. As sensações e as paixões são a manifestação mais profunda dessa humanidade originada por composição.

Essas são, em grandes linhas, algumas das etapas fundamentais desse texto que, agora, oferecemos à leitura e à reflexão. Tais etapas só servem de guia e não substituem a reflexão, a leitura e o debate da obra.

Uma advertência, para terminar. Descartes produziu um sistema do saber influente e com muita força racional. Ele é o principal personagem do Racionalismo moderno e um dos responsáveis, ao lado de Galileu e de Newton, pela Revolução Científica do século XVII. Talvez em razão disso, seja rotulado, às vezes, como dedutivista extremado e lógico excessivamente rígido e formal. Estranha denominação para quem, como ele, não atribuía grande importância à lógica, se opunha ao formalismo e ao sistema axiomático euclidiano e priorizava a intuição à dedução: como

grande matemático, Descartes preferia a resolução de problemas à pura dedutibilidade, como ilustram as *Meditações*. Em segundo lugar, por vezes tem-se pretendido culpar Descartes por problemas atuais, como os ecológicos, em razão de afirmações suas sobre o poder que o conhecimento tem de “nos tornar como que senhores e possuidores da natureza”³. Isso tampouco parece justo. Com efeito, ninguém acusará a Deus, por nossos problemas de degradação da natureza e de miséria humana, por ter ele, conforme diz o livro do Gênesis, determinado ao homem e à mulher que se multiplicassem, reinassem sobre a terra, submetessem as outras coisas a si e dominassem animais e plantas, tendo ainda avaliado tudo isso como bom.

ALGUMAS INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

O texto apresentado a seguir é uma seleção das principais partes das *Meditações*. Traduzido do francês (conforme consta nas *Obras completas de Descartes*, v. 9), ele corresponde a quase a metade do texto completo. As supressões são indicadas, seja pelo uso de reticências, quando ocorreram no interior de um parágrafo, seja pela falta de sequência na numeração dos parágrafos, quando algum deles foi eliminado.

A bibliografia sobre Descartes e seu pensamento é imensa. Citaremos apenas as obras principais de referências e alguns textos da literatura secundária. É possível encontrar em língua portuguesa todas as obras filosóficas do autor. Muitos artigos e trabalhos estão disponíveis em revistas brasileiras de filosofia *on-line*; dissertações e teses defendidas encontram-se no Banco de Teses da Capes; outros artigos nacionais e internacionais podem ser procurados nos Portais de Periódicos da Capes.

SUGESTÕES DE LEITURA

PRINCIPAIS OBRAS DE DESCARTES TRADUZIDAS PARA O PORTUGUÊS

DESCARTES, R. *Discurso do método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas*. 3. ed. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior São Pau-

³ DESCARTES, R. *Discurso do método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 63.

lo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os pensadores). Textos de referência no Brasil, juntamente com os textos introdutórios e notas.

DESCARTES, R. *Meditações sobre filosofia primeira*. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. Edição bilíngue (latim – português)

DESCARTES, R. *Regras para a direcção do espírito*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1989. Tradução do texto latino.

DESCARTES, R. *Princípios da filosofia*. Tradução e organização de Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002. Edição bilíngue (latim – português) da Parte 1 e artigos iniciais da Parte 2.

DESCARTES, R. *O Mundo ou Tratado da luz; O homem*. Tradução de César Augusto Battisti e Marisa Carneiro de Oliveira Franco Donatelli. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. Edição bilíngue (francês – português).

OBRAS SOBRE DESCARTES

ALQUIÉ, F. *A Filosofia de Descartes*. Lisboa: Presença, 1980.

BATTISTI, C. A. *O Método de análise em Descartes: da resolução de problemas à constituição do sistema do conhecimento*. Cascavel: Edunioeste, 2002.

COTTINGHAM, J. *A Filosofia de Descartes*. Lisboa: Edições 70, 1989.

COTTINGHAM, J. *Dicionário Descartes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

FORLIN, E. *A Teoria cartesiana da verdade*. São Paulo: Humanitas, 2005.

FORLIN, E. *O Papel da dúvida metódica no processo de constituição do cogito*. São Paulo: Humanitas, 2004.

GAUKROGER, S. *Descartes: uma biografia intelectual*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

LANDIM FILHO, R. *Evidência e verdade no sistema cartesiano*. São Paulo: Loyola, 1992.

LEOPOLDO E SILVA, F. *Descartes: a metafísica da modernidade*. São Paulo: Moderna, 1994.

RODIS-LEWIS, G. *Descartes: uma biografia*. Rio de Janeiro: Record, 1996.